

RECEBIDO
0.98
GUIMARÃES

1933

Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.ª SERIE
N.º 8

DIRECTOR

P.^c António Nor

GUIMARÃES

Assignatura: Quinhent

SUMARIO

Leg. ... endens, por *A. Hermans* — Plutocra-
cia, por *Agostinho d'Azavedo* — No Campo (po-
e), por *José Maria Araújo* — Rabiscando, por
R. P. Fontinha — Letras, A. II.

REDAÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

ALUMNOS APRESENTADOS A EXAME

PELO

COLLEGIO DE S. DAMASO. EM 1898

João Carneiro Leão, Instrução Primária (14 valores)—Jerônimo Antonio Ferreira, I. Primária (*distincto*)—Amílcar Barca Martins da Cruz, Latim 6.º anno e Mathematica 1.ª parte (*frequencia distincta*)—Americo de Freitas Coutinho Maltez, I. Primária (*distincto com 18 val.*)—Arlindo Candido Martinó, Phisica 1.ª parte—Luiz Carlos Telles de Queiroz, Desenho 2.º a., Latim 6.º, Philosophia—Firmo Moreira da Silva, I. Primária (14 v.)—Manuel J. Martins, Latim 6.º a. (*freq. distincta*), Mathematica 4.º a.—Albano José Peixoto, Latim 5.º e 6.º a.—Alberto Ribeiro Jorge, Latim 6.º a.—José Alves da Silva Moreira, Portuguez e Francez (*freq. distincta*)—José Monteiro d'Oliveira, I. Primária (*distincto*)—Francisco Gaspar Ferreira Leão, Mathematica 4.º a., Latim 6.º a. e Literatura—Adelino Ribeiro Jorge, Philosophia e Literatura—Manuel dos Santos, Francez—Antonio da Silva Ribeiro, I. Primária—Gonçalo d'Abreu Lima, Philosophia e Literatura—Gonçalo Lopes Leite de Faria, Philosophia, Latim 6.º a. e Literatura (*freq. distincta*)—Jacinto Martins Gomes, I. Primária—Alberto Ventura da Silva Pinto, Latim 4.º a., Literatura, Desenho 2.º a.—J. Firmino Vieira de Meirelles, Mathematica 5.º a. e Phisica 2.ª parte (*freq. distincta*)—Arthur Augusto Pacheco Dias Freitas, Literatura (*freq. distincta*) e Phisica 1.ª parte—José Bernardino d'Araujo Abreu, Latim 4.º a.—José Thomaz Pereira dos Santos, Portuguez e Francez—Alvaro Pereira Pinto dos Santos Lemos, Geographia (*freq. distincta*) e Latim 5.º a.—José Figueiras de Sousa, Latim 4.º a., Desenho 2.º a.—Alberto Carneiro Alves da Cruz, Latim 5.º a. e Philosophia (*distincto*)—Pedro Amandio Rodrigues, Francez—Arnaldo Thomé dos Santos Rebello, Latim 1.º a., Latim, 2.º a., Mathematica 4.º a.—Anibal de Mattos Guimarães, I. Primária (14 val.)—João Rocha dos Santos, Latim 6.º a., Literatura e Desenho 2.º a.—Manuel da Silva Ribeiro, I. Primária (*distincto*)—Adelino Rebello Pinto Bastos, Mathematica 4.º a. e Phisica 1.ª p.—Carlos Macambira de Brito Carneiro, I. Primária—Armindo Mauricio Pinto Rodrigues, Latim 6.º a., Desenho 2.º a. (*freq. distincta*) e Philosophia—Cipriano d'Oliveira e Silva, Phisica 2.ª p. e Mathematica 5.º a.—Alberto Fernandes Lopes Sepulveda, Latim e Philosophia—Belmiro da Cruz Leite, Literatura e Mathematica 4.º a.—José Felix Farinhote, Literatura.—Elias Gomes Marques, Latim 5.º a., Philosophia e Literatura—Carlos da Silva Moreira, I. Primária—Nelson Teixeira da Costa, I. Primária—Manuel Joaquim de Faria Azevedo, Latim (*freq. distincta*) e Literatura—Antonio Alves da Silva, I. Primária—Manuel Alves Santiago, I. Primária (*distincto*)—Americo de Souza Azevedo, Portuguez e Francez—Antonio Luiz Affonso, I. Primária—Eurico Saladino d'Araujo Costa, Latim 4.º a., Mathematica 4.º a.—Alfredo Homem da Silveira e Mello, Lafim 4.º a.—Antonio Fortunato da Silva Bastos, Literatura—Agostinho Henriques d'Oliveira, Francez—José Maria Leite Guimarães, Desenho 2.º a. e Mathematica 5.º a.—Rodrigo José Milheiro, I. Primária (14 val.)—Jorge da Cruz, I. Primária—Bento Coelho da Silva, Latim 6.º a. e Literatura—Annibal de Souza Pereira, Portuguez (*freq. distincta*) Francez—Benjamim de Campos Guimarães, I. Primária (14 val.)—Antonio Mendes de Vasconcellos, I. Primária—Abrahão Mauricio de Carvalho, Mathematica 4.º a. (*distincto*) e Latim 6.º a.—Henrique Manuel de Miranda, Phisica 2.ª p. e Mathematica 5.º a.—João Carlos de Miranda, Latim 6.º a.—Annibal de Mesquita Guimarães, Desenho

Chronica do Collegio de S. Dámaso

1.º a., Latim 4.º a., Mathematica 5.ª a., Phisica 2.ª p. (*distincto*) Desenho 2.º a.—Eduardo Manuel d'Almeida, Mathematica 4.º a., Latim 5.º a.—Miguel de Souza, I. Primaria—Henrique Augusto Guedes d'Oliveira, I. Primaria (*distincto*)—Egídio Teixeira Xavier de Sousa Guimarães, Literatura, Historia—Gonçalo Manuel Bourbon Sampaio, Literatura e Mathematica—José Antonio dos Santos Guimarães, Literatura—Armando Ribeiro de Freitas, I. Primaria—Manuel Leite Peixoto, Latim 1.º e 2.º a.—João Vianna Correia, Portuguez—Antonio Joaquim Cautella Junior, Mathematica, Historia (*freq. distincta*)—Antonio da Silva Pimenta, Latim 4.º a. e Phisica 1.ª p.—João Pedro da Silva Bourbon, Latim 4.º a.

Joaquim Ribeiro, Latim 1.º e Latim 2.º a.—Manuel Ignacio d'Abreu do Couto Mazalhães Novaes, Historia e Literatura—Gonçalo José d'Araujo, Historia e Latim 4.º a.—Euclides Luiz Mendes, I. Primaria—Emilio Luiz Mendes, Francez s. (*freq. distincta*)—Fernando Antonio d'Almeida, I. Primaria (*distincto*)—José Joaquim d'Oliveira Bastos, Latim 5.º a., Literatura, Desenho 2.º a.—João Joaquim d'Oliveira Bastos, Historia e Latim 5.º a.—Anto io Paulo Ferreira Monteiro, Latim 1.º a., Latim 2.º a. (*distincto*), Mathematica 4.º (*distincto*)—Manuel Arthur Alves Machado Ferreira, Literatura (*freq. distincta*), Historia (*freq. distincta*)—Manuel G. Coelho da Motta Prego, Mathematica 4.º a., Latim 4.º a.—Aguilar Teixeira da Costa, Latim 3.º a., Literatura, Historia—Augusto Ribeiro da Silva, Mathematica 4.º a., Literatura e Latim 6.º a.—Joaquim Telles de Faria, I. Primaria—João Albino Gonçalves Carreiros, Latim 1.º a.—Paulino Gaspar da Silva, Philosophia, Latim 6.º a.

Total — Approvações, 133; Distincções, 12; Reprovações, 7; Desistencias, 3.

E' muito bom este resultado de exames e não desdiz dos creditos que o Collegio de S. Damaso, mercê de Deus, ha timado no decurso de oito annos de trabalhos. Certo, em alguns dos annos anteriores, algo superior foi, mas, em summa, este foi bom, muito

bom e tanto nos basta. Do pequenissimo numero dos addiados, os mais d'elles foram-no indevidamente, por fatalidade, por má sorte, como todos sabem que, ás vezes, succede, e não porque ignorassem as materias em que eram examinados.

E' de lastimar que em casos d'estes, não haja recurso d'aquella sentença.

Era liberal, era justissimo que os legisladores auctorissem uma segunda prova para estas victimas do mero infortunio, que sempre as ha.

Distincções

Além das distincções que houve nos exames lyceaes, houve tambem oito em classe, isto é, os seis mais classificados cujos nomes já demos (Manuel e Adolpho Cunha, A. Monteiro e F. Macambira, Amando F. e Pinheiro) e Antonio Pinto de Sampaio e Castro e Jeronymo Pinto Montenegro Carneiro.

Os mais distinctos

Os collegias que mais se distinguiram este anno no resultado de seus trabalhos escolares foram: — *Annibal de Mesquita Guimarães*, que fez cinco exames ficando distincto em um e approvado nos outros. — *Antonio Paulo Ferreira Monteiro*, com tres exames, distincto em dous. — *Amando Pacheco Dias Freitas* que obteve distincção em todas as nove aulas da 3.ª classe.

Parabens.

Programma

A Direcção do Collegio distribuiu o programma que deve vigorar no proximo anno lectivo Para as modificações que a força das circumstancias aconselhou a introduzir-lhe, chamamos a attenção dos interessados e, nomeadamente, para a que diz respeito ás *tres prestações eguaes* em que, d'ora em deante, fica distribuida a *anuidade*.

Lux splendens



TRIUMPHAL ha sido a romaria da civilização na Cruz nascida: os dezenove seculos que á cripta confusa do passado volveram já, são d'isso uma galharda prova.

Morto o Christo no madeiro santo, surgiu logo fulgido d'auroras o magnifico sol illuminante de suas benções. Uma cathedral de homenagens, da altura da gloria, se lhe levantou, garrida de epopéas, cingida de amores.

Do patibulo á glorificação?

Da ignominia do pária vil, á ara divina?!

Porque?!

Memorêmos.

Aquelle quasi escravo, grilheta da calunnia, que vistes arrastar entre a canalha gososa o madeiro pesado, ao cerro escaldado do Monte dos Supplicios, era o Justo, o Messias.

Subira Elle a escarpa do fraguedo, em que a humanidade vive a sua dor amara.

De lá vira o homem n'uma orgia de escravidões ferinas.

Era rei, dizia-se, porque na fronte altiva fulgurava-lhe o radio da razão e no peito suspiroso o genio largo da liberdade; mas vivia na maior indigência de felicidade: era o ilota da criação.

Apertava-lhe a ossamente como giboia triturrante, a espiral sacrilega de mil e uma tirannias. Soffria como soffrem os moribundos, na agonia suprema: aos pés os ferros malditos; na fronte tostada, sempre em fio, o suor da oppressão; na mão callosa, o alvião d'un trabalho longo com a vida; ao lado, o senhor, minaz como um covil, duro como as fragas do monte e ali, bem perto, terriveis como o sangue do crime, o tagante, o carcere, a cruz, as feras.

Jesus viu a desdita profunda d'aquelles por quem viera ao sacrificio e de seus labios soltou-se a indignação d'um Deus.

Eu arrasarei esse velho templo, disse, e a infamia caiu, desfez-se como no tumulo se desfaz o cadaver, e sobre os escombros do alcaçar nefando ergueu-se, sem crepusculos, o sol da era redemptora.

Pela primeira vez aspirou o servo condemnado o aroma subtil da Liberdade.

Pela mão donosa das graças entrou no lar o Bem.

Pôde a mulher erguer para Deus o espirito nobre, compartilhar a realceza social e dizer ao esposo: — sou a tua companheira; e aos filhos: — sou

a vossa mãe: o bonissimo Jesus poisou-me na fronte a corôa augusta do sacerdocio, aqui entre vós, queridas mariposas da minha esperança.

O esposo viu com alegria esboroar-se o pedestal frio da sua tirannia, porque, logo ao lado, lhe teceu o amor o throno astral da felicidade domestica.

Os deuses ridiculos, de si proprios envergonhados, fugiram n'uma debandada cobarde a esconder-se no esquecimento.

Cahiram os templos, emmudeceram as sibillas, as aras humidas de holocaustos enviuvaram de fieis, e os sacerdotes descridos desertaram famintos.

Ao Coliseu não voltaram as féras assassinas, não voltaram os gladiadores a regalar os ocios da plebe.

Aspou-se dos codigos o regimen das castas, que fadava a uns para a ventura, relegando outros para o monturo. Jesus a todos remira, como a todos creara.

Desceu a Caridade onde a dor era mais insofrida, beijou do moribundo a face livida, pensou carinhosa as chagas hediondas, tomou nos braços a creancinha sem mãe, amparou os velinhos que procuram a paz da campá, esmolou os famintos. Para todos os que a má sorte enjeitou, teve uma lagrima, um afago, uma esperança, uma consolação amiga, como um seio de mãe.

Foi-se a Justiça ao avaro e disse-lhe:— infame, reparte esse oiro improductivo, não deixes apodrecer n'esse cofre, que te encarcera a alma vil, o pão de tantos miseros. Foi-se tambem á balança dos

juizes, equilibrou-lhes os pratos deseguaes e bradou-lhes em nome de Jesus, que dessem a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus. Entrou nos paços sumptuosos dos reis e a todos impoz a lei santa e suave do Evangelho: o sceptro que regeis, lhes disse, de cima vos veio: como esculcas de Jesus, como mandatarios do Omnipotente é que vós cingis o diadema com que imperaes.

Veio tambem a Esperança, fagueira como uma primavera e, aos corações dos que a Caridade não pôde cobrir com as azas niveas, ou a Justiça, pôr oiro fio o fiel dos juizos humanos, segredou ella que, no além-vida, ha um Deus que tudo corrige com sua sabedoria infinita.

Esplendida luz!

A. Hermano.



Plutocracia



ão é bem a idade *d'ouro*, leve variante, é a idade *do ouro*.

Foram-se os deuses, foram-se as castas e vão-se indo os reis; só uma divindade persiste — o Deus Milhão, só uma casta inspera — a casta aurea, só uma magestade é inabalavel — el-rei Dinheiro.

Estamos em plena plutocracia.

Não se erigem estatuas aos genios, não se sagram cultos aos heroes, levantam-se acclamações aos millionarios.

Não mais se disputam pomos d'ouro á mais bella, mas á mais rica.

O Bezerro d'ouro tem mais thuribuladores que o Boi Apis.

Tem seus fanaticos — os avarentos: ha nelles abnegação d'um trappista e extasis d'um asceta. Vivem da contemplação do ouro como os santos da visão beatifica, irradiam das pupilas fulgurações

extranhas como as sybillas inflamadas pelo fogo da inspiração. Tem philantropos-nababos opulentos que trepam ao galarim da popularidade por escadas d'ouro massiço.

O ouro ataca os caracteres como a ferrugem o aço e faz oscillar as consciencias como a electricidade a agulha magnetica.

A justiça cota-se nos bancos e o pudor pregôa-se nas praças.

Os soldados de Tito abriam cadaveres para lhe extrahir das entranhas o ouro engulido, hoje cavam-se minas exploram-se as entranhas da terra á procura do vellocino da felicidade — um veio aurifero.

Esta *fames auri* que devora o seculo affirma as suas tendencias materialistas e a bancarrota de todos os altos sentimentos de honra e virtude, que constituem o patrimonio moral das nações.

Se a virtude já não era para Bruto mais que um nome, honra e dever não são mais que duas utopias para o seculo que se diz das luzes, decerto porque inventou a luz electrica.

Esta ancia pela felicidade innata ao homem resolve-a em ouro, muito ouro.

Julgam-na onde Camillo a quiz encontrar — no subsolo onde estão 140 contos, e por isso cada qual com a varinha de condão bate montes e vales em procura dos thesouros e mouros encantados.

A sede do ouro é como o tonel das Danaides. A ambição é como uma fogueira que se procura apagar com azeite. E' que o ouro irrita a sede do ouro.

Sendo o mais puro dos metaes é o maior dos

corruptores; é a pedra de toque dos bons caracteres.

O seculo que nascera vagindo as palavras d'um genio: *luzes! mais luzes!* morre gemendo as exclamações d'um avaro: *ouro! mais ouro!*

Salomão, com sua riqueza phantastica e luxo oriental é a encarnação mais viva do ideal do seculo.

Agostinho d'Azavedo.



NO CAMPO



- Adeus, muito bom dia,
Lavrador! —
«Venha com Deus. Senhor!»
— No campo a esta hora,
E por manhã tão fria?! —
«Que quer!? Eu não dormia
Desde o raiar da aurora . . . »
— Que teve? . . . Algum desgosto?
Mas essa côr do rosto
E' uma côr sadia. —
«Felizmente,
Não ha que lastimar;
Mas acordei mais cedo,
E, como sabe, a gente
Não deve estar de quedo:
Nasceu p'ra trabalhar.
A manhã . . . bem a vi! . . .
Inda pensei . . . Depois,
Dei de comer aos bois
E viemos para aqui.»
— Com este nevoeiro,
E descalço!?! . . .
Não sabe que o janeiro
E' doentio e falso?
A geada cobre o outeiro,
Vê? —
«Sim, a geada o cobre
E o frio é penetrante.
Não obstante,
Por frio ou por calor
Trabalha quem é pobre,
Meu Senhor!»

- Mas este vento agreste,
 Este continuo orvalho,
 Não podem fazer bem.
 Depois, pouco agazalho . . .
 Olhe: porque não veste
 Um casaco, se o tem? —
- Esteja descansado:
 A gente não precisa
 Recatos e cuidado.
 Costumo assim andar
 Em mangas de camisa,
 Ao tempo, a labutar. •
 — Pois mais poupa. —
- Os frios e o calor
 Dá-os Deus, conforme a roupa,
 Meu Senhor! •
- Pelo que vejo, gósa . . . —
 • Saúde vigorosa,
 Deus louvado!
 O ar puro d'estes campos
 É um ar abençoado:
 Aqui, não ha sarampos,
 Nem tísicas, nem febres,
 Como apparecem lá
 Pela cidade Cá,
 O que apparece mais
 São coelhos e são lebres
 E tórdos e pardaes. •
 — E cordonizes, não?! —
- Também ha cordonizes
 E melros e perdizes,
 Pois então! •
- Veremos isso um dia,
 Lavrador!
 Adeus! —
- Fico ao dispôr
 De Vossa Senhoria. •

José Maria Ançã.



Rabiscando



O TRANSCURSO dos annos infantis avultam peripecias bem simples, mas cuja reminiscencia nos acompanha até aos gelos da velhice.

E é de vêr como esses pequenos quadros se nos apresentam vivos, nitidos, cheios de luz, fazendo-nos remoçar, como o orvalho faz rejuvenescer as petalas do lyrio. . .

Um beijo de nossa Mãe como premio da primeira oração bem pronunciada, as vestes brancas da primeira communhão, o primeiro exame coroadado de bom exito, uma banalidade que nada monta e um nada que significa muito. . . , tudo em revoada vem lembrar-nos na edade adulta o que fomos e o que passamos nos despreoccupados dias da innocencia.

Recordar esse kaleidoscopio de luzes rutilas como diamante, essa boceta de fulgores vividos como espelhos de Veneza ou scintillantes como perolas d'Ophir, faz bem ao coração de todo aquelle

que tem olhos para vêr o rebaixamento de caracter, a baixaza de sentimentos, a traição requintada, a injustiça pullulante, a infamia proterva, que caracterisam a maior parte dos homens.

Ao menos, lá na aurora da vida, deslumbra-nos o rosicler de candura pairando sobre um alfobre de almas liliaes, que, como philomelas, só sabem dizer amores.

E' por isso que eu, nas horas livres do meu labor, rabisco despreoccupadamente as reviviscencias da infancia.

*

O vestibulo das lettras

Lembro-me, como se fosse hoje, da vez primeira em que entrei na eschola.

O aspecto do mestre, que, nos meus vislumbres de creança, eu phantasiava rispido como um espectro e frio como uma estatua, sorriu-me com doçura e afagou-me paternalmente.

Fizeram-me bem aquellas caricias.

Acima do ecletismo de sentimentos que se refrangiam á maravilha nos actos dos pequenos collegiaes, via agora a minha timidez o rosto bom do professor que me assegurava protecção. A confiança no mestre é já uma garantia valiosa.

Quando os meus olhos ignorantes fitaram os primeiros caracteres, divisei diante de mim uma barreira chinesa, que me interceptava a comprehensão d'aquelles terrives hyeroglyphos. . .

Mas o caso é que a tabua rasa da minha intel-

ligencia foi-se desbastando pouco a pouco, á medida que a plaina do mestre redobrava de santos esforços.

Dentro em breve, lia por cima com ufania, pensando ter descoberto uma mina de Ormuz! . . .

Que fornalha de vida é a escola! Que viveiro de tenras plantas! . . . Um protoplasma, d'onde germinam as esperanças do futuro! Um veio, d'onde promanam as fluencias do intellecto! Uma pilha electrica, d'onde as chispas ressaltam em turbilhão! . . .

Nunca me fugirá a lembrança dos primeiros adejos no firmamento das letras. . .

*

A primeira communhão

O caio das paredes da egreja parochial fôra encoberto por colgaduras de damasco, que lhe davam um tom alacre e festivo.

Pelas naves ogivaes resoavam as primeiras notas da divina arte de Verdi.

Eis que da sacristia sahem gravemente os ecclesiasticos, com as suas casulas doiradas a cobrir alvas de jaspe. Principia o incruento sacrificio da missa com todas as suas sublimidades, e no meu peito infantil experimento a electrisação do amor divino, o magnetismo do sobrenatural. Cravo os olhos nas flores de maio que adornam os altares, desafio-as a que me disputem o aroma da candura. Escuto as ondulações suaves da orchestra e então em côro singelas preces ao Altissimo. Ouço

a voz do orador sagrado, dizendo-nos que viemos do nada e que caminhamos para a eternidade, e confundo-me na pequenez do meu ser, perante a magnificencia da Magestade divina . . .

Eis que se approxima a hora solemne.

O celebrante então, em voz pausada, as palavras: «*Ecce agnus Dei. . .*», e nós, os catechumenos da vespera, os neo-commungantes d'hoje, inclinamo-nos com reverencia para receber o cordeiro Immaculado. . .

Quando a sagrada hostia me tocou a lingua, senti que um fluido suave me penetrava até á medulla e fiquei n'um espasmo de vidente, n'um deliquio mysterioso, até ao fim do sacrificio.

Ainda hoje conservo a fita branca que o meu bom parochio me pregou nos hombros e ainda tenho no relicario do meu coração a reminiscencia do dia feliz em que me alistei nos banquetes reconfortantes do pão eucharistico. E' por isso que, ha poucos mezes, quando presenciei cerimonia identica no templo da Costa, senti duas lagrimas queridas borbulharem-me as iris dos olhos.

*

Os ninhos

Quem ha ahi que não trepasse uma vez na vida ao carvalho musgoso, cujos ramos verdejantes formam docel fagueiro nas devezas e nas granjas?! Quem se não lembrará das exclamações de triumpho, que traduziam uma alegria sem limites, quando, escarranchados nos galhos do arvoredo, po-

díamos dizer á rapaziada azafamada: «Cá está um!» . . .

Nem o Eureka de Archimedes irrompeu mais natural nem mais euthusiasta!

Logo que se apresentava o mez d'abril, com as suas manhãs d'ouro, com a sua athmosphera de saphira, com as suas orchestrações maviosas e com os seus poentes de saudade, eu já nem queria comer! Todas as horas que podia roubar á eschola eram empregadas soffregamente em saltar sebes ou escalar paredes, á busca dos cubicados ninhos. Aos ovos chamavamos-lhes *seixos* e aos passarinhos implumes *sapos*, para os *velhos* não desconfiarem — dizíamos nós, na nossa simplicidade de creanças.

Era tambem ponto obrigado não mostrar os dentes nem apontar com o dedo, porque do contrario saltaria lá uma invasão de formigas, mais terrivel que as invasões dos barbaros.

Logo que a plumagem acabava de cobrir as tenras carnes dos pequeninos, fazia-se a solemne mudança do ninho para uma gaiola, não muito a contento dos inquilinos. Depois, era triste vêr como elles *esticavam* as perninhas e cahiam exangues, um a um. Carpia-se-lhes a morte serena com exclamações pungitivas e lagrimas sinceras, e . . . no outro dia já novos habitantes occupavam o logar do supplicio, até irem servir de jantar ao gato ronronante.

Ingenuos e santos brinquedos! . . .

Letras

Viagens de Pero da Covilhã, pelo Conde de Ficalho.

Os que neste paiz amam as boas letras conhecem ha muito o nome do *Conde de Ficalho*. E' um erudito que investiga com paixão, e que escreve com assas primor. Ha já d'elle trabalhos de muito alcance.

Esta monographia, a que hoje me reporto, é devéras um valioso livro. Ali se desenreda com profusão de lances, a importantissima viagem do ousado Pero da Covilhã. Em primeiro capitulo vem a noticia sobre as multiplas identificações do Preste João, e, a seguir, o raconto das primeiras aventuras de Pero, no reino e na Hespanha, onde já se lhe debuxa a valer o forte character portuguez. Depois é o narrar da commissão ardua que a elle e a Afonso de Paiva, D. João II confia, e os asares da difficil e longa viagem: como em som de mercadores lograram passar ao *Egypto*, como ahi se separam em rumos divergentes, como Pero passeia a India e a estuda e se espanta de suas riquezas e costumes e, voltado ao Cairo, sabe da morte do companheiro e decide internar-se, até subir ao ignorado reino do Preste, a Ethiopia escura. O bom acolhimento na córte do Negus, o estado do paiz, a rainha Helena e o seu favor ao viajante, a sua retenção e vida de trinta annos ali, como grande senhor, a embaixada abexim de Matheus a D. Manuel, as embaixadas portuguezas de Duarte Galvão e de D. Rodrigo de Lima ao Negus, a missão de Alvares e Roma e de Saga Zaãb a Lisboa, a expedição de Christovam da Gama, o quasi dominio portuguez na Abyssinia, as tentativas da unificação da egreja jacobita com a romana, as missões dos jesuitas, tudo nos narra, com engenho, o snr. Conde de Ficalho.

E' curioso, é interessante, é gratissimo o livro, sobretudo para os que prestam devoto culto ás grandezas inegalaveis de nosso seculo aureo.

Que a linguagem seja impecavel e que consiga movimentar vivamente com a mesma fina arte de Oliveira Martins, isso não o affirmo, mas que a dicção é elegante, que o ensino é muito e que o livro, em summa, é bom, isso repito. Tenha elle muitos leitores.

A Terra Santa, pelo P. Gonçalo Alves.

Desde que veio a lume *A Grande Roma*, o nome d'este illustre autor ficou consagrado em nosso meio literario. Ali se emparelhou elle com

os mais conspicuos prosadores, já no brunido da fôrma opulenta, já nos recursos de sua imaginação fecunda, já no acabado de seus quadros descriptivos, vivos, elegantes, verdadeiros, mimosos.

O livro d'agora — *A Terra Santa* — é, como aquel'outro, uma descripção de viagens, mas reveste uma feição algo diversa. E' quente de unção e de fé, é vibratil como uma emoção. A alma ali se extravasa em hymnos, ali se evolva em preces e se dilue em lagrimas. E' uma longa meditação cheia de meiguice e de candura. De lado ficam, um tanto esquecidas, para que não profanem os arroubos do espirito, as impressões artisticas e referencias historicas áquella terra classica de grandes civilizações. E' um livro do coração e já é muito.

Faz bem lêr aquellas tresentas paginas em que a idéia elevada e pura é emmoldurada por um estilo nobre e loução.

Contos maravilhosos, por Antonio Pena, filho,

E' um *novo* nas letras, Antonio Pena. O livro de contos que ora deu á publicidade é uma estreia de pequenos meritos. Isto mesmo lh'o faz sentir, com os fhuos disfarces de sua gentileza, a prefaciadora, que lhe deu a mão. O estilo que reveste as vinte e quatro narrativas enferma gravemente: é frio, defeituoso, velho em seus moldes e mal adaptado a espiritos juvenis.

Os contos, quasi todos elles colhidos da tradição popular, são effectivamente *maravilhosos* isto é, tecem inverosimilhanças de toda a ordem, monstruosidades, absurdos. Espirito da creança que já reflexione, não pôde interessar-se por taes maravilhas, porque lhes sente a intima falsidade. A educação deve assentar no culto á verdade; por isso, contos educativos, devem ser narrativas veridicas ou quando menos, verosimeis. Além d'isso devem mirar á cultura do sentimento e á formação do caracter e tal lição de maravilha se encontra nos «Contos maravilhosos».

O auctor promette mais livros. E' de esperar que acareem os elogios que este nos não mereceu. E' ingrato dar relêvo a defeitos, mas, se não havemos de orientar com sinceridade quem lê, que razão de ser ficarão tendo estas pequenas apreciações? Diremos a verdade.

A. H.



Collegio ou Lyceu?

Não se pode dizer em absoluto qual deva preferir-se.

Se o estudante é de cidade onde ha Lyceu, e a familia tem vagar e competencia para o vigiar e dirigir, convirá-lhe o Lyceu.

Se, para seguir estudos, tem de deixar o seio da familia, então não ha hesitação po sivel: *prefira-se o collegio.*

Mas nisto ha de tambem considerar se a idade do educando. A vida da rua, o convivio d'um externato indisciplinado e tolhido de más eivas, burla a candida inexperiencia dos primeiros annos, desmancha a educação maternal. Até aos quinze ou dezasseis annos o collegio é incontestavelmente *vantajoso para todos.*

Mas no actual regimen de estudos não será uma garantia muito valiosa a frequencia no Lyceu?

Respondo convictamente que não. Estou vendo exactamente o contrario de todas es as chamadas garantias: as classes dos lyceus sam terrivelmente desmadas: os exames, as faltas, o comportamento, as notas, tudo se conspira, para pôr em risco a frequencia lyceal.



Matriculem-se nas aulas de classe

Como varias familias nos perguntam qual o curso de preparatorios que melhor convem a seus filhos, diremos o nosso pensar a tal respeito.

a) Se o estudante se propõe seguir um *curso superior*, tem necessidade de se matricular nas

aulas de classe, isto é, do actual regimen, ou nova reforma.

b) Se se destina á carreira ecclesiastica, pode fazer exames nos seminarios, mas, sobretudo se tem meios, *mais lhe vale* matricular-se nas aulas de classe, porque servem para *todas as carreiras.*

c) Se tem em vista a *carreira commercial*, deve frequentar o *curso geral*, isto é, os 5 annos da classe; pois que esse curso dá uma base de conhecimentos genericos muito uteis, para aquella carreira.

d) Se o alumno não tenta seguir carreira, mas apenas obter um peculio de conhecimentos praticos, uteis e actuaes, com que possa fazer-se apresentavel na sociedade, deve tambem frequentar o *curso geral* do novo regimen.



Escolher Collegio

Os collegios não valem igualmente e d'ahi a necessidade de escolher entre elles o que mais preciosas qualidades reuna.

E' assumpto em que as familias não devem andar de animo leve; porque a educação dos seus é caso de superior monta. A educação litteraria, moral e religiosa, o regimen disciplinar, a alimentação, a natureza do local, as prestações, o corpo docente, o numero de alumnos, as garantias de estabilidade, as provas dadas, os creditos feitos, etc., tudo deve pesar na resolução de quem escolhe.

H.

